

# PIM PAM PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

## NUMA NOITE DE VERÃO

★ ★ por LEONOR DE CAMPOS ★ ★

**A**QUELA casa em que morei, compunha-se de dois andares, com três inquilinos.

No rés-do-chão viviam o senhor Bastos, a mulher e dois filhos — pessoas amáveis e muito simpáticas. No primeiro andar, uma gente que estava quasi sempre no Estoril, onde tinham casa. Meus pais e eu habitávamos o segundo.

Era enorme a casa. Os seus dois grandes corredores faziam a nossa felicidade — a minha e a das minhas amigas. Como não tínhamos quintal, os corredores eram para nós uma espécie de pista de «stadium», onde organizávamos jogos, desafios e corridas de velocidade.

A cozinha, com a sua porta de serviço, ficava num extremo da casa. No outro extremo, ficavam os quartos de dormir. O meu quarto era amplo, higiénico, com uma janela rasgada, onde se avistava grande parte do estuário de Tejo.

Certa noite de verão, meus pais foram ao teatro. Eu fiquei na cama, pois tinha apenas doze anos. Mas, devido talvez ao calor, não conseguia adormecer. Voltava-me, tornava a voltar-me... e nada. Pelas frinchas da janela mal fechada, entravam raiosinhos de luar. O silêncio era absoluto. Na minha rua não passavam electricos. E só à hora da saída dos teatros, o sossego era interrompido pelo «clackson» de alguns automóveis.

A certa altura tive sede, muita sede.

Premi o botão da campainha electrica para chamar uma das criadas. Ninguém apareceu.

— «Ah, é verdade! — disse para comigo. — Não tenho remédio senão ir à cozinha...»

Saltei da cama. E em pijama, descalça — sabendo-me bem sentir a frescura do soalho nos pés escaldantes — dispuz-me a percorrer os corredores que levavam à cozinha.

Mas... chegada ao fim do primeiro corredor, quando me dispunha a voltar a esquina, pareceu-me ouvir uma voz de homem, abafada. E em seguida senti, nitidamente, um estertor, como de pessoa a quem estivessem a estrangular!...

Aterrada, avancei devagarinho e espreitei. Não me enganara. Lá ao fundo, na cozinha, dois desconhecidos estendiam no chão — ao lado da criada Maria, amordaçada e amarrada dos pés à cabeça, como se fora um paio de Arralolos — o corpo inanimado da Ana cozinheira, a quem também tratavam de amarrar conscienciosamente.

Não gritei. Neste momento senti como que uma onda de coragem que vinha substituir o terror de ha pouco. E pensei:

— «Se grito, fogem!... Vão roubar para outro lado e voltam em ocasião mais oportuna. Ou, então, correm sobre mim e torcem-me o pescoço, sem que a vizinhança o suspeite. No primeiro andar, ninguém está. E no rés-do-chão decerto me não ouviriam...»

Que fazer, então? Saír pela porta principal e ir pedir auxilio lá abaixo? Mas... a portaranga muito e os gatinos podiam ouvir. Telefona r? Nem pensar nisso...

E, de repente, tive uma

(Continua na pag. 8)

## O RATINHO PRÓDIGO

por LAURA CHAVES

O rato era milionário. Dera-se o acontecimento d'ele encontrar, num armário, este achado succulento: um cartucho a transbordar de passas, mesmo cheiinho, que ele tratou de levar para dentro do seu ninho. E nunca mais trabalhou, nunca mais ele fez nada. Tinha fortuna, gozou, levou vida regalada. E quando a mãe lhe dizia que a sua grande riqueza se acabava qualquer dia e depois vinha a pobreza, que ele devia poupar,



proceder pelo seguro, e umas passinhas guardar, para comer no futuro, ouviam-no responder: — Mãe, enquanto eu for um rato com pernas para correr, com bom olho e bom olfacto, nada me assusta na vida. Recomeço a trabalhar e outra fortuna escondida com certeza hei-de encontrar.

O que a mãe tinha predito aconteceu, por desgraça, e um dia o nosso ratinho comeu a última passa. Mas seu olfacto apurado logo o pôs em bom caminho. Por uns arames filado viu um naco de tocinho. Sem nenhuma precaução, avançou, numa carreira, e ao naco deitou a mão. Desarmou-se a ratoeira,

(Continua na página 8)



# FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

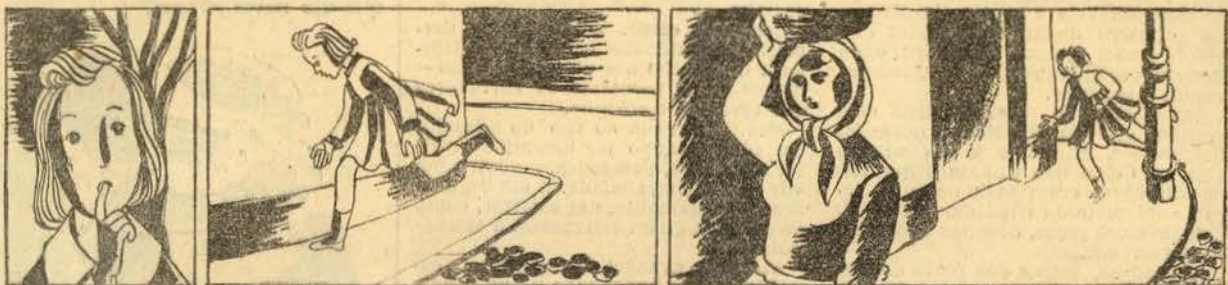
(Continuado do número anterior)



**C**ARALAROCA seguia, agora, atrás do falso cego e não perdia de vista todos os movimentos que ele fazia. A certa altura, o homem dos óculos escuros teve necessidade de se assoar e, levando a mão ao bolso para tirar o lenço, trouxe, inadvertidamente, com ele, o bilhete que recebera no jardim e, sem se aperceber que o papel tinha caído, continuou a caminhar.

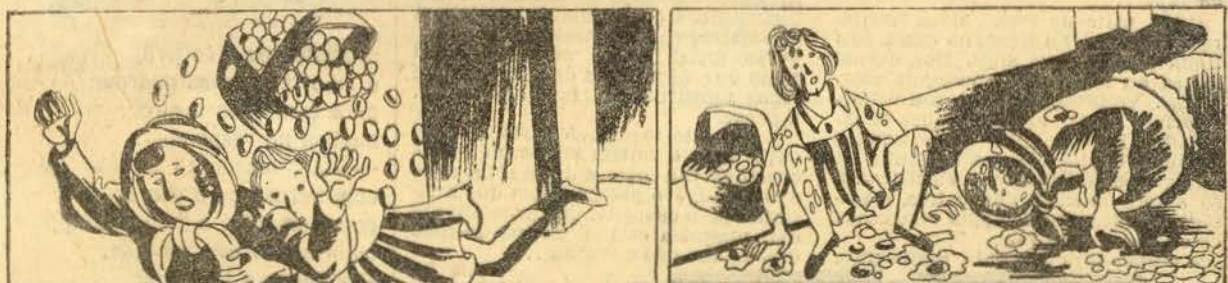
Não tardou que Caralaroca o apanhasse e lêsse, então, com espanto, o seguinte: — «Amanhã, às 10 horas da noite, no sítio do costume. Avisa os outros...» Se o nosso homem já estava interessado, ainda mais ficou, redobrando de cuidado na vigilância do homem que seguia!...

Vejamos, agora, qual a missão que fora confiada à Patatchoca: Seu avô encarregara-a de ir esperar o irmão e de



lhe dizer que voltasse quanto antes para casa, pois podia ser que, de um momento para o outro, fôsse preciso utilizar-se da sua colaboração. Mas Patatchoca tinha que justi-

ficar o seu nome!... Como uma autêntica «Pata-choca», distraiu-se a ver os cartazes e só se lembrou do que fora fazer ao cinema, do que a levou ao cinema, quando saíam



os últimos espectadores. — Que arreli! pensou ela. — Não reparei que o espectáculo terminou! E agora? Onde estaria o Fajoca?

Como não fôsse capaz de chegar a uma conclusão, decidiu correr para casa, esperando que o irmão já ali se encontrasse.



Sem pensar nas consequências, desatou a correr desenfreadamente através das ruas, até que, a certa altura, sucedeu o inevitável: — Na sua frente seguia, tranquila, uma

pobre mulher carregada com um cesto de ovos à cabeça. Patatchoca, corria, corria sempre e, em dado momento... — era de esperar — zás... — esbarra com a salola e... veja-se

# O TÔNIO MALFEITOR

POR  
JOAO de FIGUEIREDO

ERA quinta-feira. O Tônio estava muito zangado porque não o deixavam ir estudar com o seu amigo Quim, que morava no terceiro andar e era o seu predilecto companheiro de escola.

— «Depois do lanche irás estudar — (disse-lhe a tia Cló, quando saiu para fazer compras na mercearia do Fernandes) — E, se estiveres sossegadinho, dou-te o lanche mais cedo.»

Mas a Carlota, irmã mais velha de Tônio, que estava lendo o folhetim, em voz-alta para as criadas, aborrecida com tanta impertinência do irmão, ralhou-lhe ásperamente:

— «Na lição da noite, vou perguntar-te o nome de todos os rios de Portugal. Se não souberes responder, farei xexia à tia Cló!» — acrescentou Carlota.

— «Porque não aprendes tu outras coisas mais precisas, em vez de estares a ler o folhetim?...» replicou.

— «Leia, menina, leia, (disse — a criada Rosa) — não faça caso das rabujices dele.»

Al! Estou ansiosa por saber o que foi feito do preto pequeno. Se calhar, mataram-no, coitadinho. Ah! adoro este folhetim!

E, muito entusiasmada, a Rosa e a cozinheira Elvira, ouviam a leitura, numa curiosidade salitante e nervosa.

— «Esperem, raparigas, não tenham tanta pressa — (dizia Carlota) — Parece-me que é muito mais emocionante do que eu supunha?»

«O Pele Vermelha passou a cavalo, escutou um instante, e, fazendo uma cruz na parede, por debaixo da janela, desapareceu.»

— «Ah! credol! Nossa Senhora! Era sinal combinado, com certeza!» — exclamaram ao mesmo tempo, a Rosa e a cozinheira.

Nisto, entra novamente o Tônio a dizer:

— «Já sei o nome de todos os rios. Posso dar a lição?»

— «Mas que grande maçador que tu me saístes! Ainda ontem não sabias nem patavina... Deixa-nos em paz, não sejas intrujão!» — disse-lhe a Carlota, já zangada.

— «Então quero o lanche, que já são horas!»

Não fizeram caso e continuaram a leitura:

«Apenas o cavalo desapareceu, e se ouviu ao longe o ruído dos seus passos, logo um bando de malfetores o seguiu, em direcção à montanha.»

— «Al! Santo Deus! Agora é que o pobre preto não escapal! Já estou cheia de medo!» — disse a Rosa.

— «Vejam como eu tenho a pele; parece galinha cozida!»

— «Já posso falar dos rios?» — gritou Tônio, aparecendo, novamente, entre a porta da cozinha.

— «Que susto, meu Deus! Não podias tê-los decorado em tão pouco tempo.»

— «Mas eu quero ir jogar com o Quim! Quero o lanche!»

— «Só irás as quatro horas, que foi a ordem que deixou a tia Cló. Eu te chamarei, quando estiver pronto.»

E tão feio, um menino assim rabujento e maçador! Não tens vergonha...»

E Carlota levou-o até ao quintal e fechou-lhe a porta, recomeçando a leitura.

Em breves instantes, a Rosa, que olhava para o pátio, deu um grito:

— «Ali está o sinal!...»

— «Oh! rapariga, parece que estás doida, e fazes-nos doidas também!» — disseram Carlota e a Elvira.

— «E? o sinal menina! Veja ali naquela parede, por debaixo da janela...»

Carlota foi certificar-se e realmente lá estava uma cruz feita a carvão, na parede do pátio. Ficaram cheios de medo,



porque a Rosa insistia que deviam ter sido os malfetores do folhetim, que haviam passado por ali!

— «Como pode ser isso, mulher, se este caso se passou na América?»

— «Quem sabe... (disse a Rosa) — poderiam ter passado por aqui, e algum entrou no pátio e fez aquilo... Ah! que tremuras que eu sinto!»

— «Mas o sinal está tão alto, como poderiam tê-lo feito?»

— «Ora, ora, quando se queere faz-se tudo! Com alguma escada, como havia de ser?!...»

A cozinheira estava atonita, e já dizia, que, realmente, se lembrava de ter visto, em tempos, entrar pelo portão, um homem, com uma escada, ás costas...

— «Jesus! Não digam essas patéticas, que até já estou nervosa!» — disse a Carlota.

— «Eu não digo que sim, nem que não, mas acho impossível... Bem, vou chamar o Tônio para nos fazer companhia.» E, chegando á porta do quintal, chamou-o.

— «Já sei que desta vez é que é certo dar a lição dos rios?» — dizia ele, muito contente.

— «Mas para que ficamos aqui todos na cozinha? Então foi para isto que me chamaram? Eu quero ir ao Quim! Agora mesmo lhe disse que ia lá para cima.»

— «Meu Deus! Que criança

esta! Não vês que temos que ficar por aqui, por causa dos malfetores?»

— «Mentira! Isso é desculpa para me não dares o lanche.»

— «Repara, meu Tônio, no sinal que eles fizeram por baixo da janela!»

— «O quê? Aquela cruz, feita a carvão? Foi eu que a fiz para o Quim saber que vou, daqui a nada, ter com ele.»

Foi uma combinação que nós fizemos, porque a mãe dele, não o deixa chegar á janela!»

— «Que estúpido!» — disse Carlota, arrellada porque o seu Tônio lhe roubava o por menor mais emocionante daquela movimentada aventura de malfetores...

## CORRESPONDÊNCIA

*Maria do Prado.* — Já foi entregue ao Júri. Talvez no próximo número já possas saber se foi classificada a tua legenda

*Fernandinho V.* — Recebemos mas como temos muita colaboração á bicha, nada te poderemos dizer por enquanto.

*Manoela Rino.* — O teu pedido será satisfeito brevemente. O alvitre é bom.

*A. M. do Ó Fonseca.* — Ah, valente!... Isso é que é produzir. Deves, contudo, ter em conta mais a qualidade do que a quantidade.

*Luz do Céu.* — Ainda há-de vir a ser uma grande escritora. A amostra é boa. Será publicada a seu tempo...

*Carmen-Zinha.* — A mesma resposta que demos á Maria do Prado, te damos a ti. Aguarda com paciência.

*Alja.* — Idem, idem.

*Afortunado.* — A tua sugestão roubar-nos-ia muito espaço. As construções para armar devem caber num só número.

*Bernardim M. R.* — O desenho foi decalcado. A nós não nos enganas tu. Puxa pelo bestunto e manda outro.

*Um grande chi-coração a todos do*

TIO PAULO.



o resultado! Fazendo estatelar a mulherzinha, Patachoca viu-se, no mesmo momento, mergulhada num inesperado banho de... gêmas!

Tudo isto ia muito bem se... não fôsse muito mal! E' que a mulher dos ovos, não era para brincadeiras e ei-la a gesticular e a gritar que queria ali recabar, imediatamente, o valor do prejuizo que acabava de sofrer.

Conforme lhe foi possível, Patachoca, depois de chorar um bom bocado, lá conseguiu levar a mulher até casa onde, felizmente, já se encontrava seu avô. Foi o que lhe valeu,

pois Calaroca, em face do sucedido, não teve outro remédio senão pagar a conta para calar a reclamante.

A descompostura que deu, em seguida, na neta, não é fácil de explicar aqui. Calcule-se apenas a razão que lhe assistia e... faça-se uma ideia do que ela teria sido!...

Então e o Fajoca?!... E o «cego»?!... — perguntarão vocês, ansiosos. Paciência, amigos! Não se pode dizer tudo duma vez. Para a semana teremos as respostas a essas e outras mais perguntas, que talvez tivessem vontade de fazer!...

(Continua).

SERAPIÃO TRAPALHÃO UMA ADIVINHA

EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)



Conto em prosa rimada à pressa, alinhavada por um autor muito mau, o tal Lord Nicolau.

(A. Ferreira da Silva).

**S**E não estou enganado, creio que tínhamos ficado quasi à beira de um rio de hipopótamos povoado. Porém, não percamos um instante e... passemos adiante:

Como a sede os não largava, esqueceram toda a mágoa e correram para a água, bebendo, então, a fartar. (O beber e o comer são também como o coçar: o mau é principiar!...)



Depois, com a barriga bem cheia, assaltou-os uma ideia de considerável tamanho: E se fôsem tomar banho?...



Como quando um dizia: mata, logo o outro respondia: esfola — (eram assim desde a escola) — não sei já qual deles falou, mas a verdade e que o outro concordou! Havia apenas uma dificuldade: É que até àquela idade, nenhum deles se banhara!...



Pueral!... A água era tão cara!... — E se do rio tranquilo, surgisse algum crocodilo? — Serapião murmurou. Mas logo o outro replicou, dando-se ares de importante: — Então para que

Estas letras estão escritas na camisola duma pequenita muito brincalhona, e, lidas na devida ordem, formam o nome dela.

Esta pequena é muito comunicativa e por isso, mal se levanta, dá os bons-dias a toda a gente... Então, todos, para serem delicados, paravam um momento e, depois de pensarem uns segundos, olhando para as letras da camisola lá conseguiam descobrir-lhe o nome e retribuir-lhe assim os bons-dias... Então, a pequenita ficava toda satisfeita... Hoje, mal saiu da escola,



40-

GUY-MANUEL

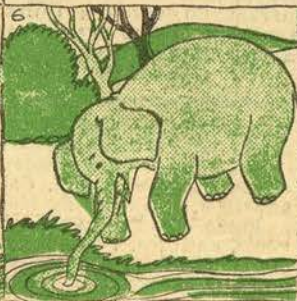
zás: Toca a dizer adeus a toda a gente. Mas, hoje, ao contrário dos outros dias, todos a tratavam por nome diferente... A pequenita ficou admiradíssima. Mas porque será? — pensou ela... Foi então que uma impressão de humidade no ombro lhe deu a explicação de tudo! Alguém, na aula, entornara, por cima da sua camisola, um tinteiro de tinta e esta, escorrendo-lhe pelo ombro e seguindo numa linha recta, fôra-lhe tapar, completamente 3 letras... Então a pequena sorriu: aí estava a razão porque a tratavam hoje por um nome diferente. Queiram vocês, leitores, sorrir também, achando os 2 nomes da enladrada pequena.

era o elefante? Já era ser ignorante!... — Bando deu êle, por fim, aceitando com a cabeça e correndo logo à pressa a encher o trombil, como se fôsse um barril. E, voltando depois, despejou-o sobre os dois, com todo o «cuidado» e «carinho», dando-lhes, assim, o banhinho de que tanto precisavam e que, em verdade, não esperavam!...

— Que sim! — respondeu êle, por fim, aceitando com a cabeça e correndo logo à pressa a encher o trombil, como se fôsse um barril. E, voltando depois, despejou-o sobre os dois, com todo o «cuidado» e «carinho», dando-lhes, assim, o banhinho de que tanto precisavam e que, em verdade, não esperavam!...

— Como podia isso ser? — Ah, sim?!... Pois então já ia ver como aquilo ia correr!... — respondeu Lucas Piegas, com a cara toda às pregas, por causa da indignação que lhe causara o Serapião. E, por ser melhor atravessar o rio naquela altura e, com a maior ternura, apontou ao Serapião uns «rochedos» ali à mão, sobre os quais passariam e... Quereria ser prestante, mais perigos não correriam!... Isto era o que

Refrescado e já enxuto, acabou por se lembrar ao Serapião uns «rochedos» ali à mão, sobre os quais passariam e... Quereria ser prestante, mais perigos não correriam!... Isto era o que



# AS MENINAS DO ASILO

Por GRACIETTE BRANCO

**P**ASSAM na rua as meninas dum asilo da cidade, algumas de tenra idade, dolentes, tristes, franzinas...



De pele fresca e mimosa como anjinhos de promessa, toucas brancas na cabeça e vestidos côr de rosa!

Caminham, duas a duas, os olhos postos no chão! Paira uma estranha emoção e há perfumes pelas ruas!

As aves vôam, rasteiras, absortas e admiradas,

ouvindo as suas passadas e olhando as suas maneiras!

E o seu ritmo é tão igual pela tarde longa e bela, que vêm rostos à janela e outros surgem ao portal!

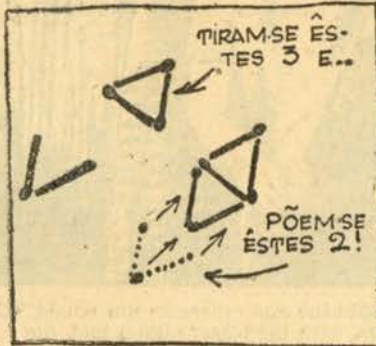
Põe-se a costura de lado para ver o que é aquilo,

e o olhar fica-se pregado nas meninas do Asilo...

Brando silêncio desceu, sublime, casto, profundo... — Parece um pouco do Céu a passear pelo Mundo!

■ F I M ■

## A DIVINHA CURIOSIDADES RECTIFICAÇÃO



Solução do uúmero anterior.

### O que deu origem ao fabrico do Mata-borrão

É sabido que, ainda não há muito tempo, se usava a areia ou a cinza para secar a tinta. A ideia de se fabricar papel mata-borrão, nasceu por acaso, do descuido de um operário inglês. Encarregado este de fazer uma pasta de papel, esqueceu-se de lhe pôr goma.

O dono da fábrica mandou deitar fóra, para um pátio, esse papel que não estava em estado de se utilizar, e lá mandá-lo retirar definitivamente quando reparou que aquela nova

O conto que publicámos no número anterior, intitulado: — Uma andorinha reconhecida é da autoria de António Ferreira da Silva e não de Ribeiro Antunes, como inadvertidamente saíu. A ambos os nossos prezados colaboradores pedimos que nos relevem o involuntário lapso.

### SULUÇÃO DA ADIVINHA DA PAG. 4:

A menina chamava-se Joaquina e passaram a chamar-lhe Joana.

composição absorvia as gotas de chuva. Teve, então, a lembrança de o aproveitar, para com êle absorver a tinta dos borrões e da escrita.

ele pensava... e a sorte a ser isso, então? Já não que chamam hipopótamo e para a semana, amigui- que os esperava? E' isso és o Serapião? O outro ou cavalo-marinho e que, nho, prometo-te outro de que se vai ver e que con-encheu-se de brio; mas, não os querendo aturar, truz, em que entra um bi-vêm não esquecer. Di-qudsi no mesmo instante, resolvera pôr-se a andar chinho denominado aves-zendo ao elefante que calem ambos no rio, muito para sitio mais sosse-truz! fosse andando adiante, perto do elefante que, com gado, pois queria estar E com mágoa, tanto Lucas volta ligeiro para uma nova trombada, os descansado, a dormir minha como tua, por hoje cima duma «rocha» e diz livra da trapalhada! E bem regalado, como fóra acaba mas... para a se- ao companheiro, mostran- tudo isto, afinal, porque acostumado!... Para mana do-se animoso: — E' feio a «rocha» era um animal, não aumentar o exórdio ser receoso! O que vem muito feio e gordinho a termino aqui o episódio

(Continua)



# A LENDA das FLORES

Por RIBEIRO ANTUNES

(Continuado do penúltimo número)

*Escolhi a «rosa» para protagonista desta Lenda — em homenagem à flor preferida de meu Pai, recentemente falecido.*

O capitão sentiu uma tristeza muito grande. Homem prático e inteligente, conhecedor do meio mundo que o barco, naufragado, havia percorrido, sob o seu comando, rapidamente reconheceu que se encontrava num país maravilhoso de fadas e encantos, ignorado nas cartas dos mareantes e, por isso, ainda desconhecido do mundo civilizado. Talvez estejam a imaginar que o país das flores não é mais de que um grande jardim onde se reúnem todas as variedades que os olhos dos meus leitorzinhos estão habituados a ver nas jarras que ornamentam a sua casa ou nos parques onde costumam brincar...

Eganam-se. A região onde vivem as flores é um país como o nosso. Tem cidades, vilas e aldeias. Grandes palácios e casinhas modestas. Há flores ricas e pobres, tristes e alegres.

Flores venenosas que provocam a morte e outras abençoadas que podem dar a vida. Há as que mentem sempre e também as que só falam verdade.

As flores falam?!... — pensarão os pequeninos leitores. Assim o afirmou o capitão que lá viveu e, segundo me parece, foi a única pessoa que, até agora, as ouviu falar! Está averiguado que as flores nos jardins — ou mesmo dentro de casa — falam de noite, aproveitando a ocasião em que toda a gente dorme a sono solto.

E falam muito baixinho, tão baixinho que, se nos escondermos para as ouvir, não conseguimos perceber o que elas dizem. Talvez se queixem de alguma menina má que as maltratou... talvez se orgulhem da borboleta muito linda que as preferiu... talvez se revoltem contra os insectos daninhos que lhe estragam a vida... Quem sabe?... Ninguém o pode afirmar mas a verdade é que elas falam...

Os meus leitorzinhos devem estar ansiosos por saber o que aconteceu ao nosso desventurado capitão. Pois bem, vou satisfazer-lhes tão natural curiosidade:

Extenuado pela fadiga e atormentado pela fome, o capitão compreendeu a horrorosa situação em que se achava. Pela inspecção que tinha feito, sabia que aquele país não era habitado por homens nem por bichos. Esta última certeza era já uma compensação para o infeliz naufrago, pois lhe evitaria lutas perigosas para a sua vida.

Apanhou alguns frutos silvestres que lhe serviram de fraca refeição e recolheu-se numa caverna que a Natureza havia feito no tronco de uma grande e velha árvore.

Alta noite, agitado pela sua desgraçada aventura, o capitão acordou em sobressalto. Pareceu-lhe que, junto de si, alguém o acariciava com palavras de consolação e de coragem. Era uma voz muito suave. Surpreendido, voltou-se bruscamente e viu apenas uma linda flor de pétalas brancas e aromáticas. Para tranquilizá-lo, a flor começou por dizer-lhe que se chamava «rosa» e os seus desejos eram os mais puros, pois queria ajudá-lo a viver naquele país, onde certamente teria uma morte horrorosa se não lhe aparecesse qualquer auxílio.

O capitão, pasmado com a voz da flor, perguntou-lhe se era alguma princesa encantada por alguma fada má.

— «Não! Todas as flores falam. Se as não ouvimos é simplesmente porque há, entre elas, uma lei que as proíbe de falar na presença de pessoas.»

Assim, o pobre naufrago ficou sabendo que a sua linda protectora se arriscava a ser amaldiçoada pelas outras flores. Contudo, sentindo-se só e desventurado, aceitou o auxílio que a perfumada «rosa» lhe oferecia.

Fizeram-se dois bons amigos. De madrugada, quando todas as flores dormiam profundamente, o capitão e a «rosa» saíram da caverna para um passeio que desvendasse ao pobre naufrago os segredos daquele país encantado.

Começou por mostrar-lhe uma família de «cravos» vermelhos e enormes, maiores que os balões com que os meninos costumam brincar.

As flores, no seu país, são muito maiores das que habitualmente se criam nos nossos jardins. Isto, porque não as deixam atingir as dimensões normais.

Se os meninos pedirem aos seus paizinhos para deixarem crescer as flores à vontade e sem as cortar, hão-de ver

«malmequeres» do tamanho das rodas de um cômboio «crisântemos» que parecem copas de árvores, dirios» tão grandes como os sinos das igrejas, etc.

Caminhando sempre, o capitão foi levado até junto de um grande palácio onde estavam guardadas as sementes de todos os habitantes daquele país de sonho e de encanto.

Alimentando a esperança de uma fuga, o capitão pediu à sua generosa companheira que lhe oferecesse algumas sementes de todas as raças e gerações.

A «rosa» cheia de bondade, autorizou-o a mais essa profanação e o nosso infeliz naufrago encheu as algibeiras com as mais preciosas maravilhas.



Depois, a «rosa» pediu-lhe que esperasse um pouco, pois iria junto dos cortiços, para lhe trazer algum mel. Ele não podia arriscar-se a essa aventura, porque as abelhas poderiam matá-lo com as suas ferozes ferroadas. Quando voltou, a «rosa» trazia entre as suas pétalas uma grande porção de mel, que serviu de alimento ao pobre capitão.

Continuaram o seu passeio. A lua, lá do alto, iluminava-lhe o caminho. O capitão estava encantado com tanta beleza. Não sabia o que mais apreciar:

Além, ricos «caçafates de prata»; aqui horríveis «bócas de lobo»; ali, vieiros «casadinhos»; acolá, brilhantes «estrélas-do-Egipto»; no lado nascente, sorridentes «bons-dias»; a poente, tristes «boas-noites»; e, lá longe, inocentes «amôres-perfeitos.»

Por toda a parte havia mil e uma «maravilhas» e outras espécies, cujos nomes nós não podemos aqui indicar na sua totalidade.

E todos com a sua vida própria, a sua história...

A «rosa» é a rainha das flores, bentazeja, o «cravo», o preferido das santas. O «martirio», o refúgio dos que são infelizes. As «chagas» são as deusas dos que sofrem. E, lá em cima, no ponto mais alto deste lindo país, as flores vão rezar numa capelinha toda feita de «cruzes de Jerusalém»...

Já começava a romper a manhã e a «rosa», muito aflita, preveniu o capitão que era urgente regressar à caverna, antes que as flores acordassem.

Mas estavam muito longe! Foram surpreendidos por um «beija-flor», pequenino pássaro, oriundo das florestas de Vera-Cruz que hoje é o Brasil.

Deu o alarme. As flores, acorridadas em sobressalto, começaram a protestar, em alta grita, contra a traição da «rosa».

Logo organizaram um grande tribunal e resolveram pedir ao «beija-flor» que levasse um veneno no seu biquinho para injectar á «rosa» que as havia atraído, aliás nas melhores intenções e obedecendo ao seu coração generoso.

O «beija-flor» satisfez esta ordem e, passados alguns minutos, a flor condenada começou a sentir o horror do veneno.

O pobre capitão passou momentos de grande sofrimento. Queria acudir-lhe mas faltava-lhe tudo o que era necessário



para um contra-veneno. E, com lágrimas nos olhos, assistiu a morte da sua querida protectora.

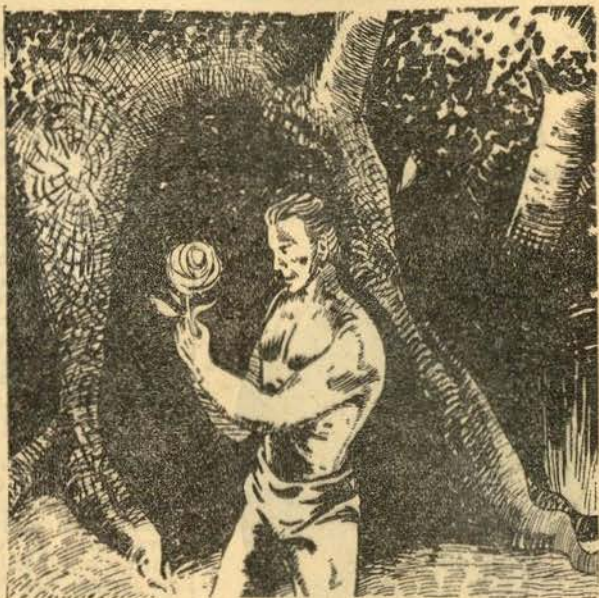
A «rosa» era branca, mas fez-se verde, amarelada, negra. Perdeu o perfume. Murchou. As pétalas caíram no chão, uma por uma. E a «rosa» morreu.

Muito triste, o capitão foi até à praia. De súbito, soltou um grito de alegria. Perto de terra, ao sabor das ondas, balouçava uma balleira do seu navio naufragado. Nadou para ela. Voltou-a e, metendo-se dentro da frágil embstação, esperou que a corrente o levasse até à linha de passagem dos navios. E assim aconteceu. Salvou-se, mas não pôde salvar tódas as sementes que havia recolhido no país das flores porque, quando nadou para a balleira, muitas variedades se espalharam no mar que as levou para os outros países. Por este motivo, vivem, no mundo, flores que não existem em Portugal.

Resta dizer que nem tódas ficaram satisfeitas com a partida do capitão. E, assim, quando ao longe o viram recolhido por um barco mercante, choraram as «lágrimas», suspiraram as «saudades» e, nos pincaros da região onde se encontravam como sentinelas vigilantes, perderam a cor e o brilho as «cristas-do-galo»!...

Meninos e Meninas :

As flores que vêdes nos jardins particulares, nos parques públicos ou em vossa casa, são filhas, netas e bisnetas das

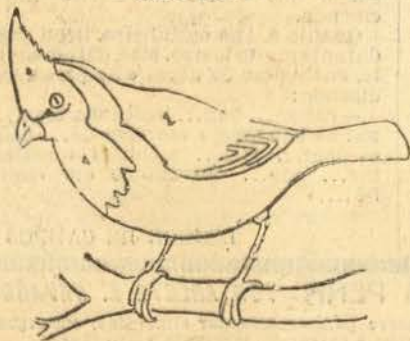


sementes que — há muitos anos — o capitão do barco naufragado trouxe daquele país maravilhoso, que existe lá longe, para além de um grande deserto e de um mar que parece não ter fim, País de Sonho e de encantos, onde as flores nascem, vivem e morrem, como nós...

## NO REINO DOS BICHOS

(Desenhos para colorir)

### MYNA



Pássaro exótico, também conhecido pelo nome de Myna de crista.

Pôpa vermelha (1), dorso azul claro (2). Cauda e abdômen brancos.

O portuguesíssimo pintassilgo pode ser colorido da seguinte forma: amarelo (4), preto (1), castanho (3) e encarnado (2).

### MACACO MOCHO



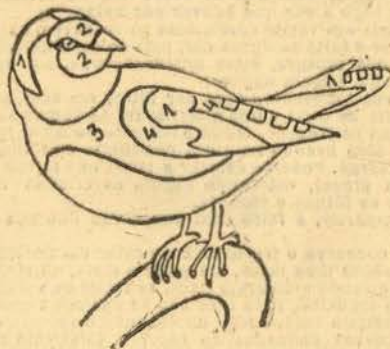
Habita a América Tropical. Aparece de noite e, durante o dia, está escondido nas árvores. Os olhos são vermelhos e a cabeça é preta (1). O resto deve ser colorido de amarelo (2), castanho (3) e encarnado (4).

### PINTARROXO



Esta variedade da América, é linda, nas suas cores: — preta (1) e castanho (2).

### PINTASSILGO



Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a interessante secção «No reino das flores», o que contamos fazer no próximo número.

O RATINHO

PRÓDIGO

(Continuado da página 1)



cortou-lhe a mão lado a lado com seus arames e molas. Ficou o rato aleijado...

Agora vive de esmolas e, por viver da bondade e da caridade alheia, não come à sua vontade, nem tem a barriga cheia.

É sábio, em seu proceder, o que poupa, o que conserva, pois ninguém pode saber o que a vida lhe reserva.

NUMA NOITE DE VERÃO (Continuado da pág. 1)

idéa. A casa estava em obras e havia andaimes nas trazeiras.

—«Vou sair pela janela do meu quarto!»—resolvi.

Rapidamente voltei para trás, em bicos de pés. Fechei a chave por dentro, com cuidado, a porta do meu quarto. Abri a janela. Olhei para fóra. Grandes manchas de luz prateavam, ao longe, as águas do Tejo. Lá de cima, da lua-cheia, vinha uma luz que enchia de sombras fantasmagóricas o jardim do rés-do-chão. No recelo de ser vista por qualquer possível vigia dos larápios, encostei-me, o mais possível, à parede. E, agarrada ao parapeito da janela, deixei-me escorregar para o andaime.

Iniciei a descida—descida penosa, difficilima para uma criança descalça e deshabituada de tais exercicios.

Mas, com a ajuda de Deus e invencível força de vontade, consegui chegar ao meu destino. Estava sa e salva, no jardim dos vizinhos. Respirei fundo. Felizmente ninguém déra pela minha descida.

Com cautela, ferindo os pés no salbro, acerquei-me duma janela aberta. Lá dentro, uma voz fresca de rapariga, cantarolava baixinho qualquer canção dolente. A família Bastos, reunida em volta da mesa, como de costume, seroava. Escalei a janela. Saitei.

Todos se ergueram ao verem surgir, de súbito, uma figurinha esguia, de pijama, cabeleira revôlta, olhar espantado e suplicante, o dedo sobre os lábios, a impôr silêncio...

Contel-lhes rapidamente o que se passava. Logo o Jacinto, o filho mais velho do senhor Bastos—um rapaz esperto que já andava no 7.º ano dos liceus—se ofereceu para ir buscar a Polícia.

Os pais, depois de ligeira hesitação, concederam a licença requerida. Então, o Jacinto abriu a porta da rua e disse em voz alta, como se estivesse a responder a uma pergunta;

—«Não demoro, não. Apenas uma cervejzita para refrescar...»

E em passo vagaroso, a assobiar, partiu despreocupadamente.

Cinco minutos depois, a casa estava cercada. O vigia dos gatunos, graças ao sangue-frio do Jacinto, que não despertara as suas suspeitas, foi preso antes que pudesse dar o alarme. E assim não foi difficil à policia apanhar com a bôca na botija os outros larápios. Estes já tinham enchido dois grandes sacos com pratas, roupas e objectos de valor. E preparavam-se para arrombar o cofre do escritório.



A' Maria, o... isto que apanhou, serviu-lhe de lição, pois ja varias vezes fóra repreendida por abrir a porta a desconhecidos, sem primeiro indagar o que desejavam e não tinha emenda.

Quanto à Ana cozinheira, ficou gaga durante muito tempo. Mas, daí em diante, enchia-me de dôces e de presentes, dizendo:

—«Aben... ben... bençoada meni... na! Se não fósse a «corage» dé... dela, os mal... mal... malditôz, transformam... ma... mavam-me em «soufflé!»...»

LEONOR DE CAMPOS

PINTURA A PENA POR ARLETE L. NAVARRO

Esta pintura serve para ornamentar almofadas, em organdi, cambrala ou setim e calças ou jarras do vidro fosco.

O desenho que vos apresento, é de um *napperon*, para ser feito em cambrala ou organdi.

Coloca-se o organdi sobre o desenho, marcando-o, através da transparência do tecido, com um lápis.

Empregam-se neste trabalho as bisnagas de óleo, cuja tinta misturada com pó branco e umas gotas de «Médium» formam uma pasta. Com um aparo «Matapan» fixo numa caneta vulgar, tira-se um pouco desta pasta, amassa-se com o aparo e uma espátula e, levando um bocadinho no bico do aparo, formando uma bolhinha, carrega-se sobre o desenho. Com este alnda húmido, deitam-se sobre as bolinhas os cristais. A medida que se vai applicando a tinta, espalham-se sobre ela os cristais brancos, que tomam logo a côr que estiver por baixo.

Ha também cristais em várias côres, mas só se devem applicar quando o trabalho é feito so duma côr, pois ao espalharem-se os cristais sobre a pintura, estes misturavam-se. No entanto, havendo cuidado, podem usá-los.

O desenho que vos apresento, deve ser feito, em azul, ou rosa, ou também com as duas côres alternadas. As fôlhas são em verde, assim como os troncos, tendo o cuidado de misturar um pouco mais de óleo branco na tinta destinada às fôlhas, para ficarem mais claras. Pode-se colocar a tinta nas fôlhas e no tronco, com um pincel, colocando depois os cristais da mesma forma, sobre as fôlhas e troncos.

O recorte do *napperon*, é feito com purpurina dourada e fixativo.

A tábu onde se conserva o trabalho, deve estar em posição plana, por exemplo sobre uma mesa, até secar a tinta, a fim de fixar os cristais. só quando estiverem fixos, se tiram os *punales* que prendiam o trabalho, para este não se deslocar. sacodem-se, então, os cristais caídos fóra do desenho e recorta-se o *napperon* pelas curvas douradas do recorte. Enquanto se pinta o *napperon*, deve estar sob ele um papel mata-borrão, para chupar a tinta e não a deixar alastrar sobre o organdi.

